

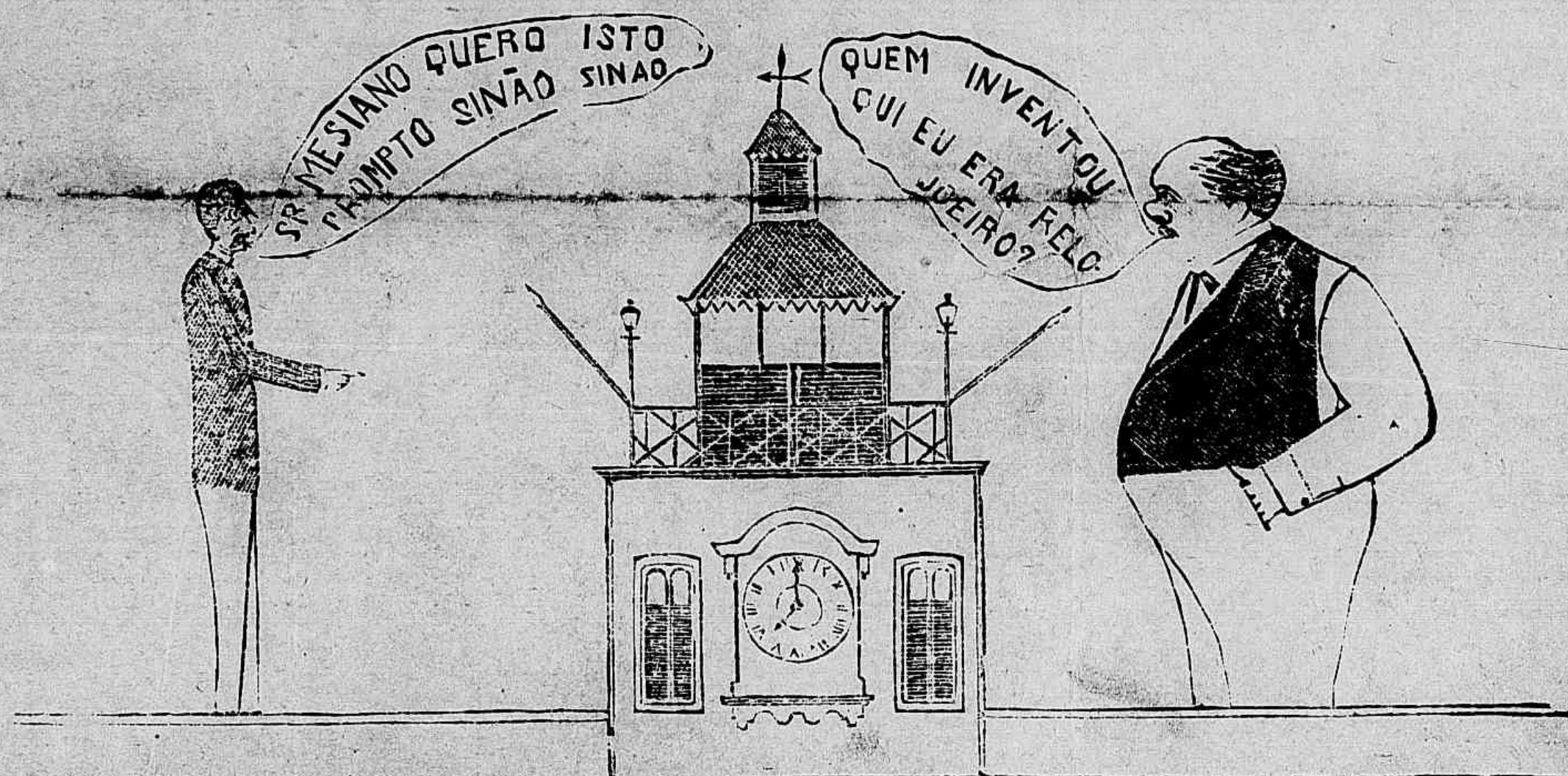


Humorístico e Ilustrado

ANNO 1

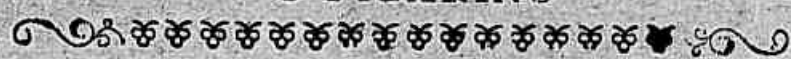
Fortaleza, Domingo 24 de Novembro de 1895

NUM. 20



O relógio da Idtendencia vai de conformidade com o Mesiano: tem peças de sobra ou de sagra

O FIGARINO



Fortaleza, 24 de Novembro de 95.

CHRONIQUETA

Greve!

Porque não fazemos nós a greve contra tudo o que embarça os nossos bons desejos e aspirações?

Greve!

Concitamos aos nossos collegas a «Republica», o «Diario», o «Ceará», a «Revista do Instituto Historico», o «Pão», a «Penna», o «Charuto», o «Lapes», o «Republicano», e a «Jandaia», a fazer uma greve geral contra a... carestia!

Ah! senhores! que nesta terra já não se pode nem morrer, quanto mais viver...

P'ra si morrer paga-se imposto até ao diabo, e p'ra si viver... p'ra si viver... é um horror!

O peixe, na feira, além de podre e moido, vende-se a dois cruzados, e até a mil réis o kilo. A carne, ruim, magra, cheia de carbunculos, vende-se pela hora da morte! Nas lojas tudo é caro, tudo é ruim, tudo é falsificado!

O commercio retalhador, em virtude dos impostos, retalha a pobre humanidade e diariamente annuncia estas queimadas que já vão cabindo no ridiculo!

Companheiros, façamos a greve...

Onde está o nosso mal?

Está em tudo. A república tem-nos contaminado. Queixamos-nos della porque foi ella que veio depois que as couzas ficaram ruins.

Antigamente a gente com dois mil réis ia a feira e trazia peixe, carne, temperos, verduras e mais uma cambada de carangeijos e mais isto e mais aquillo... e ainda voltava p'ra casa com dinheiro.

Hoje, dois mil réis não dá nem p'ro peixe! quanto mais pró mais!...

Até esmola senhores, até esmola, que antigamente dava-se *dereis* — hoje só si dá de tustão! Cego quando canta, já é contando com o cartão!

Façamos, pois, companheiros guerra contra tudo e contra todos.

Guerra; guerra de morte!

Convem porem defender a república das garras dos tyrannos. Si ella tem sido má, é porque tem sido má governada.

Que venha gente boa, e está tudo quieto....

Emquanto, porem, as cousas rolarem assim, sem freio e sem lei, emquanto o direito não for direito e a

justiça não for justiça nos havemos de ter cambio baixo, e consequentemente tudo caro e tudo ruim!

Defenderemos porem, com o nosso sangue o vulto sagrado da Republica — fundada por Benjamin Constant, o immortal — o glorioso iniciador e agitador da gloriosa mocidade das Escolas Militares!

A monarchia é um sonho — sonho que nunca se realizará, porque o Figarino não quer e o «Figarino» é o defensor da mocidade...

Viva a Republica!

Viva o «Figarino»!

Timandro.

A OSSADA MYSTERIOSA

FOLHETIM PARA O EMBRULHO DO
Diario

I

Era, no tempo dos affusinhos, quando se amarrava cachorros com linguiça.

Nessa epocha de felicidades, de terça do farinha a quatro vintens e libra de carne verde a 40 réis, não havia bonds para o Bemfica, nem para logar nenhum, nem mesmo se conhecia aqui tal progresso, e o Cafe Java poderia estar na idea de algum rapaz de então.

A rua que é actualmente do Senador Pompeo, não era Amelia, como disse alguém, mas sim a estrada de Pacatuba, onde começava a ser construída a — Rua Nova.

A igreja de S. Bernardo, lá estava encachotada no meio de uma praçazita aberta toscamente no maitagal, a margem da estrada, seguida de dois ou tres casebres pintados de branco.

Mais a baixo, do mesmo lado existiam umas seis casas, de apparencia pobre, entre as quaes sobresahia uma outra de melhor architectura.

Nesta é que vai haver o diabo, se nos transportarmos a epocha da nossa historia, epocha em que o curral do açougue era alli onde se acha a Praça de Pelotas e onde se chegava, depois de muito andar, atravessando a matta colossal por veredas escuras e sinuosas ou pela estrada de Pacatuba de que já fallamos.

Isto é que se escrever, e o mais é bobagem.

II

Sinha Quiteria era uma velha feia como todos os peccados mortaes reunidos e possuia uma filha de 14 annos, bonita como as mais bonitas deusas mythologicas.

Esta moça, que ainda não era pubere, pois neste tempo este desenvolvimento phisiologico tardava mais do que hoje, esta moça chamava-se Maria e chamavam-na Mariquinhas dos Alguidares, porque era o seu meio de vida e o sustento de sua mãe, fazer alguidares de barro para vender na feira nova, hoje Praça do Ferreira, conduzindo-os na cabeça, desde o curral do açougue, em cujas immedições morava, n'um casebre coberto de palhas e de portas de tallos de carnahúba.

N'uma das vezes em que Mariquinhas dos Alguidares voltava á casa pela estrada de Pacatuba, onde começava a rua Nova, com o resto da louça que não vendera, um inglez que morava na tal casa de melhor architectura e que era empregado na companhia do gaz, chamou-a e mandou a entrar, dizendo que precisava comprar-lhe uns alguidares.

A rapariga transpoz o limiar da porta, sorrindo, na innocencia das virgens descuidadas, pés descalços, cabeça sim-decindo deixando ver parte das rias saliencias de uns pequenitos peitos cor-de-jambo.

(Esta linha de pontinhos ali é um *avexime*! Mas, continuemos):

Sinha Quiteria tendo esperado pela filha até a tarde, e não a vendo voltar, sabio, inquieta em demanda da feira, afim de procural-a, perguntando pelo caminho á todos os conhecidos se a tinham visto.

Aquella hora, já ninguém existia na praça.

Apenas, como escarnecendo da pobre velha feia, um bode pulava bodejando e um burro, nostalgicamente, pastava em meio ás mongubeiras floradas.

Continúa.

Zé casuza.

LAPIS TRAVÊSSO

A TROTE LARGO

Depois do grande festejo da Republica, nesta terra, ninguém mente, ninguém erra, — ha preguiça de sobejo.

Ha gente que se supõe inda andar na tal festança, e na rede se balança como quem muito dispõe.

Embora a festa corresse
ca ao nosso paladar,
quem de dinheiro carece
—é preciso trabalhar,

Por isso, charos leitoras,
sem mais um *tirte*, nem *garte*
couvido-os de minha parte
voltar aos nossos labores.

Por causa das *vaccarias*
havidas na Capital
mais de um, de um jornal
tem deitado gritarias,

E eu dou sobeja razão
as reclamações deitadas,
porque as *vaccas* paridas
não são deste mundo, não!

E livrinhas do curral,
d'aquelle feio cercado,
com seu manjolinha ao lado,
fazem rôlo colossal.

Eu conheço esta *nação*
de bixo *vaccas* paridas,
são valentes atrevidas,
pintão o sete, o simão.

Nosso Theofilo Moura,
o moço da «Padaria»,
não morreo! foi *irizia*
da gente que sofre *ojra*.

Está forte como ferro,
fazendo mesmo fracasso,
ou mais rijo do que aço!
—sua morte foi um erro!

Desta vez o tal *Diario*
fez fiasco — *fiasco*:
—bateo de papo no chão
rezou mal o seu roário.

O Moura está rijo e forte,
está badejo o Mourinha,
zombando da *folhasinha*
que lhe deo morte, deo morte!

A ponte do Putiù
já *recebido*, sim, foi!
Não é lá conto de boi
que pizou o cururú.
O dr. das obras publicas
recebeo. Diz A *Republica*.

Mas, o mais interessante
é que a ponte fallada
inda não stá acabada,
pois, lhe falta um restante:
faltam uns *supplementares*
em certos e taes lugares.

Não conheço do contracto,
nem faço juizo máo,
E mesmo p'ra não ser pão

direi com certo recato:
a obra foi recebida?
já estava concluida?

A especulação da cera,
da cera de carnaúba,
tem produzido uma *assuba*
nas vellas... Que desgraceira!
João Monteiro, no Cauhype
tem atacado o Felipe.

Mas, por mais que faç aassim,
uze de certa *lambança*,
toce sempre na balança
de seo Estevo Joaquim.
E continúa o *voleiro*
por um bonito dinheiro.

O relógio da Intendencia
é badejo, e de papouco!
como *elle* ha bem pouco!
tenham santa paciencia.

Quando *horeja*—faz nervozo,
tira o somno e o repozo.

Misiano e um talentão,
e o relógio —um relôjão.

KARA KALA



DE VIOLÃO

Morena dos olhos pretos,
da bocca côr de carmin
quando scismares á tarde
saúdosa, pensando em mim,

ergue aos ceos, implora a Deus
uma prece, uma oração,
por quem te adora constante
com loucura e com paixão.

Eu vago no mar da vida
sem uma estrella polar
ai! da-me aurora —o teu rizo
dá-me o ceu—no teu olhar!

Ai! si soubesses morena
o fogo de meu desejo,
ai! me darias a vida
na primavera de um beijo.

Pois um beijo de mulher
toda a vida se resume:
nem o ceu tem tal duçura
nem a terra tal perfume!

Mulher —é realidade —
de um sonho de phantasia
Mulher— sonho nazareno
beijo da Virgem Maria.

O mundo sem a mulher
sem o seu sorriso terno
seria negro deserto
mil vezes peor que o inferno.

Por isto é que nesta vida
eu vivo sempre a scismar
num rostinho que dá vida
mas que nos pode matar.

E de todas as mulheres
certo, a mais bella será
morena flor que nasceu
neste ceo do Ceara...

Ceará terra da luz
terra da lapição!
O fogo desta morena
abraza me o coração!..

Eu quisera, sobre es braços
da morena que seduz
morrer de amores, chamando
pelo nome de Jesus!...

Xiquinho Violão.

Noticiarete

Chamamos attenção dos nossos lei-
tores para o magnifico romance —A
ossada mysteriosa— que começamos
a publicar hoje.

Garantimos que não é do autor do
romance «A menina do valle de rosas»

Imprensa

Recebemos e agradecemos o pri-
meiro numero do «Lapis», jornal ca-
ricato que appareceu no domingo
passado, nesta capital.

Que tenha longa existencia são
os nossos votos.

Pela primeira vez recebemos «O
Nativista» que se publica em S.
Paulo.

O collega é uma sentinella activa
contra o sebastianismo de sua terra.
Gratos pela fineza.

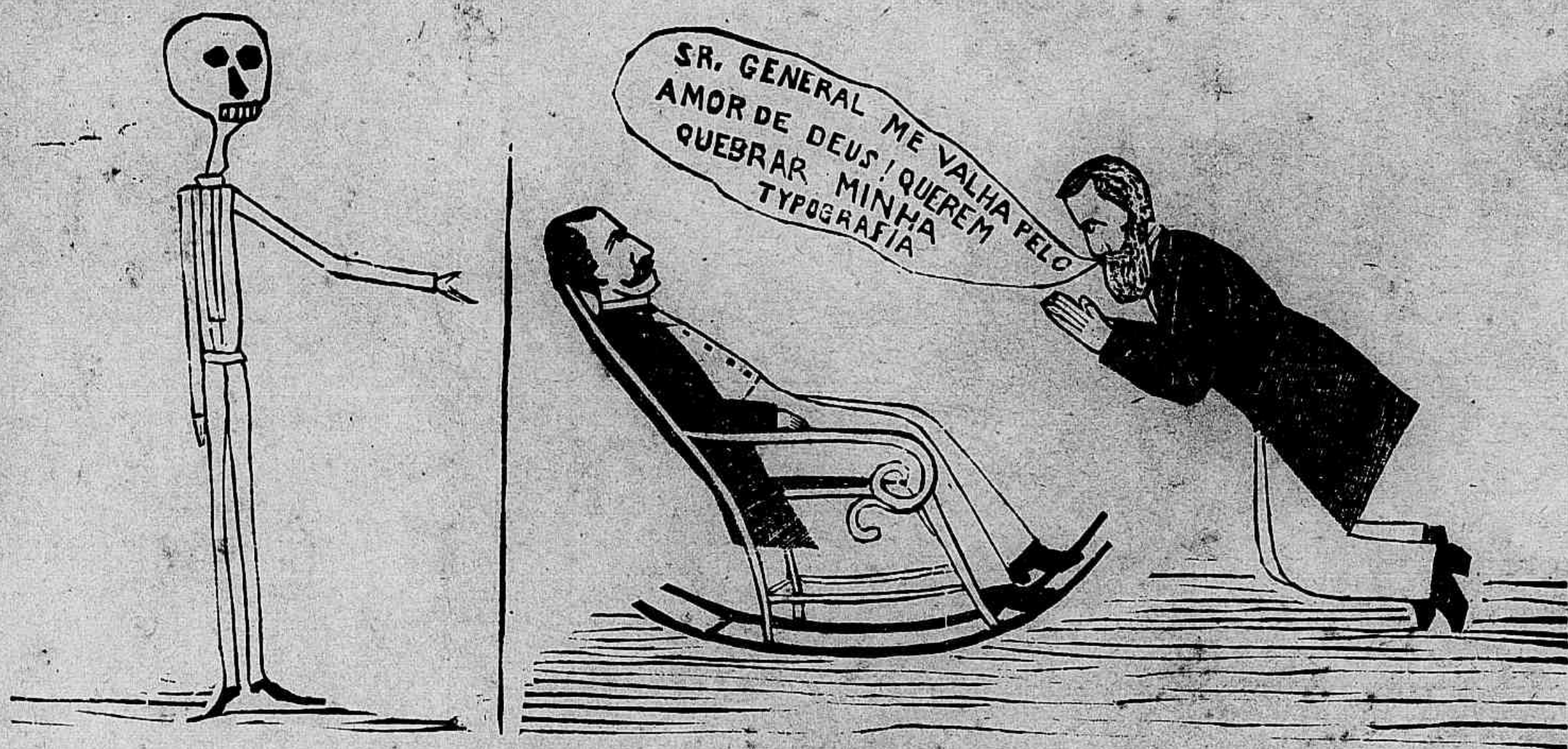
Recebemos pela primeira vez o
«Oeste de S. Paulo» que se publica
em Casa Branca.

Agradecidos, permutaremos.

Declaramos que desde ja accetia-
mos assignaturas para o interior e
exterior do estado sendo 4\$ por se-
mestre e 8\$ por anno. Pagamento
adiantado,



A Republica briga com o Jano Cearense (A Verdade) Estáp'ra haver um páosinho.



O commercio, ante a crise monetária, terminará esmolando

O empastellamento do CEARA' não passou de uma vizão que assombrou muita gente. E houve telegrammas! ?...